

A HISTÓRIA DE UM PLANETA

H. P. BLAVATSKY

Nenhuma estrela, entre miríades que cintilam no céu escuro do espaço sideral, brilha tanto quanto o planeta Vênus -- nem mesmo Sírio-Sothis, a estrela-cão, amada por Ísis. Vênus é a rainha dos planetas, a jóia da coroa de nosso sistema solar. É a inspiração do poeta, guardiã e companheira do cão pastor solitário, a encantadora estrela da manhã e a estrela vespertina. Pois, "estrelas ensinam, tanto quanto brilham", embora seus segredos ainda não tenham sido contados e revelados à maioria dos homens, inclusive os astrônomos. São realmente "beleza e mistério". Mas "onde há mistério, supõe-se haver também o mal", diz Byron. O mal, portanto, foi detectado pela fantasia humana inclinada para o mal, até mesmo nos olhos luminosos que espreitam nosso perverso mundo através do véu de éter. Dessa forma, assim como homens e mulheres, passaram a existir também estrelas e planetas difamados. Com muita freqüência, a reputação e a sorte de um homem ou grupo são sacrificadas para beneficiar outro homem ou grupo. Assim como é na terra, embaixo, é no céu, em cima, e Vênus, o planeta-irmã de nossa Terra, foi sacrificada pela ambição de nosso pequeno globo para mostrar este como o planeta "escolhido" do Senhor. Ela tornou-se o bode expiatório, Azazel do domo estrelado, dos pecados da Terra ou melhor para os que pertencem a uma certa classe da família humana -- o clero -- que caluniou a orbe brilhante a fim de provar o que sua ambição lhe sugeria como o melhor meio de alcançar poder e exercitá-lo resolutamente sobre as massas supersticiosas e ignaras.

Isto ocorreu durante a Idade Média. E agora o pecado devolve a mentira na porta dos cristãos e seus inspiradores, os cientistas, apesar de o erro ter sido com sucesso elevado à sublime posição de um dogma religioso, como o foram tantas outras ficções e invenções.

De fato, todo o mundo sideral, os planetas e seus regentes -- os deuses antigos do paganismo poético -- o sol, a lua, os elementos e toda a hoste de mundos incalculáveis -- pelo menos os que eram conhecidos pelos Pais da Igreja -- compartilharam a mesma sorte.

Todos foram difamados e endemoniados pelo insaciável desejo de provar um insignificante sistema teológico -- construído a partir de antigos materiais pagãos -- como sendo o único correto e sagrado, estando todos os que o precederam ou seguiram completamente errados. Nos pedem para acreditar que o sol, as estrelas e o próprio ar tornaram-se puros e "redimidos" do pecado original e do elemento satânico do paganismo somente após o ano I d.C. A escolástica e os escoliastas, cujo espírito "desdenha a investigação laboriosa e a dedução morosa", mostraram, para a satisfação da infalível Igreja, que todo o Cosmos encontrava-se sob o poder de Satã -- um esfarrapado elogio a Deus -- antes do ano da natividade; e os cristãos tiveram de acreditar ou ser condenados. Entretanto, nunca o sofisma e o casuísmo sutil mostraram-se de forma tão evidente, em sua verdadeira luz, como nas questões do ex-satanismo e, mais tarde, na redenção dos vários corpos celestes. A pobre e bela Vênus levou a pior nessa guerra dita divina de provas, e de forma mais intensa que qualquer um de seus colegas siderais. Enquanto a história dos outros seis planetas e sua gradual transformação de deuses greco-arianos em demônios semíticos e, finalmente, em "atributos divinos dos sete olhos do Senhor", é conhecida apenas pelas pessoas educadas, a de Vênus-Lúcifer tornou-se

uma história doméstica até mesmo nos países católicos romanos mais iletrados.

Esta história deve agora ser contada em favor dos que negligenciaram sua mitologia astral.

Vênus, caracterizada por Pitágoras como álter sol, um segundo Sol, em virtude de sua magnífica radiância -- não igualada por nenhum outro planeta -- foi a primeira a chamar a atenção dos antigos teogonistas. Antes de começar a ser chamada de Vênus, era conhecida na teogonia pré-hesiodiana como Eósforo (ou Fósforo) e Héspero, a filha da aurora e do crepúsculo. Em Hesíodo, além disso, o planeta é decomposto em dois seres divinos, dois irmãos -- Eósforo (Lúcifer dos latinos) a manhã, e Héspero, a estrela vespertina. São filhos de Astreu e Eos, o céu estrelado e a aurora, e também de Céfalos e Eos (Teog: 381, Hyg. Poet. Astron. 11, 42). Preller, citado por Decharme, mostra Faetonte idêntico a Fósforo ou Lúcifer (Grech. Mythol: I, 365). E, invocando a autoridade de Hesíodo, também transforma Faetonte em filho das duas últimas divindades -- Céfalos e Eos.

Ora Faetonte ou Fósforo, a "orbe luminosa da manhã", é levado à força na juventude por Afrodite (Vênus) que faz dele o guardião noturno de seu santuário (Teog: 987991). Ele é a "brilhante estrela da manhã" (ver Apocalipse de João, XXII, 16) amado por sua luz radiante pela Deusa do Amanhecer, Aurora, que, apesar de gradualmente eclipsar a luz de seu amado, parecendo assim causar sua aniquilação, o faz reaparecer à noite no horizonte, onde ele toma conta dos portões do céu. De manhã, Fósforo "surgido das águas do Oceano, eleva no céu sua sagrada cabeça para anunciar a aproximação da luz divina" (Iliad, XXIII, 226; Odiss: XIII, 93; Virg: Eneida, VIII, 589; Mythol. de la Grèce Antique: 247). Ele tem uma tocha na mão e voa pelo espaço, uma vez que precede o carro de Aurora. Ao entardecer torna-se Héspero "a mais esplêndida das estrelas que brilham na abóboda celeste" (Iliad, XXII, 317). Ele é o pai das Hespérides, as guardiãs das maçãs de ouro, juntamente com o Dragão; o belo gênio dos cachos dourados, cantado e glorificado em todo antigo epitalâmio (cantos nupciais dos primeiros cristãos e dos gregos pagãos); é ele que, ao cair da noite, conduz o cortège nupcial e entrega a noiva nos braços do noivo. (Carmen Nuptiale. Ver Mythol. de la Grèce Antique, Decharme).

Até aqui não parece haver uma possível analogia conciliatória entre esta personificação poética da estrela, um mito puramente astronômico, e o Satanismo da teologia Cristã. De fato, a íntima conexão entre o planeta enquanto Héspero, a estrela vespertina, e o Jardim do Éden grego com seu Dragão e maçãs de ouro pode, com uma certa imaginação, sugerir algumas dolorosas comparações com o terceiro capítulo de Gênesis. Mas isto é insuficiente para justificar a construção de um muro teológico de defesa contra o paganismo, feito de difamação e má interpretação.

Mas de todos os evemerismos gregos, Lúcifer-Eósforo é, talvez, o mais complicado. O planeta tornou-se, com os latinos, Vênus ou Afrodite-Anadiômene, a Deusa nascida da espuma, a "Mãe Divina", idêntica a Astartéia fenícia ou a Astarot judia. Eram todas chamadas "Estrela da Manhã" e Virgens do Mar (daí Maria), o grande Abismo, títulos dados hoje pela Igreja Romana à sua Virgem Maria. Todas estavam ligadas à lua e à fase crescente, ao Dragão e ao planeta Vênus, uma vez que a

mãe de Cristo estava relacionada a todos estes atributos. Se os marinheiros fenícios carregavam fixa na proa de seus navios a imagem da deusa Astartéia (ou Afrodite, Vênus Ericina) e observavam a estrela vespertina e da manhã como sua estrela guia, "o olho de sua Deusa mãe", o mesmo fazem os velejadores da Igreja Católica Romana até hoje. Eles prendem uma Madona na proa de sua nave e a Virgem Maria abençoada é chamada "Virgem do Mar". A patrona aceita dos marinheiros cristãos, sua estrela, "Estrela do Mar" etc. surge na lua crescente. Como as Deusas pagãs antigas, é a "Rainha do Céu" e a "Estrela da Manhã", exatamente como elas o eram.

Se isso explica algo, é deixado à sagacidade do leitor decidir. No entanto, Lúcifer-Vênus nada tem a ver com escuridão e tudo com luz. Quando chamado Lúcifer, é o "portador da luz", o primeiro raio radiante que destrói a escuridão letal da noite. Quando chamado Vênus, o planeta-estrela torna-se símbolo do amanhecer, a casta Aurora. O professor Max Müller acertadamente conjectura que Afrodite, nascida no mar, é a personificação do Raiar do Dia, e o mais encantador signo na Natureza ("Ciência da Linguagem") pois, antes de sua naturalização pelos gregos, Afrodite era a Natureza personificada, a vida e a luz do mundo pagão, como prova a bela invocação à Vênus de Lucrecio, citada por Decharme. Ela é a divina Natureza em sua inteireza, Aditi-Prakriti antes de tornar-se Lakshmi. É a Natureza diante de cujo rosto magestoso e belo "os ventos sopram, o silencioso céu derrama torrentes de luz e as ondas do mar sorriem" (Lucrecio). Quando referida como a deusa síria Astartéia, a Astarot de Hieropolis, o radiante planeta foi personificado como uma magestosa mulher, segurando em uma das mãos uma tocha, em outra, um instrumento curvo na forma de cruz. (Vide De Dea Syriê, de Lucian e De Nat. Deorum, de Cicero, 3 c. 23). Finalmente, o planeta é representado astronomicamente como um globo equilibrado sobre a cruz -- um símbolo ao qual diabo algum gostaria de ser associado -- enquanto o planeta Terra é um globo com uma cruz sobre ele.

Mas, então, estas cruces não são símbolos do Cristianismo, mas a cruz ansata egípcia, atributo de Ísis (que é Vênus e Afrodite, e também Natureza) ou o planeta; o fato de a Terra ter a cruz ansata revertida tem grande significado oculto, não havendo necessidade de tratar disso no momento.

Ora, o que diz a Igreja e como ela explica a "terrível associação"? A Igreja acredita no diabo, naturalmente, e não pode dar-se ao luxo de perdê-lo. "O Diabo é o principal pilar da Igreja" confessa despudoradamente um defensor² da Ecclesia Militans. "Todos os gnósticos Alexandrinos falam-nos da queda dos Eons e seus Pleromas (plenitude), e todos atribuem esta queda ao desejo de conhecer", escreve outro voluntário do mesmo exército, caluniando os Gnósticos, como sempre, e identificando o desejo de conhecer ou ocultismo, magia, com o Satanismo.³ E então, imediatamente, ele cita a Philosophie de l'Histoire de Schlegel para mostrar que os sete reitores (planetas) de Pymander, "designados por Deus para conter o mundo fenomenal em seus sete círculos, perdidos de amor por sua própria beleza⁴, passaram a admirar a si mesmos com tamanha intensidade que, por causa desta auto-adulação orgulhosa, finalmente caíram".

Tendo a perversidade aberto caminho entre os anjos, a mais bela criatura de Deus "rebelou-se contra seu Criador". Esta criatura é na fantasia

teológica Vênus-Lúcifer ou melhor o Espírito ou Regente informante daquele planeta. Este ensinamento baseia-se na seguinte especulação. Os três heróis principais da grande catástrofe sideral mencionada em Apocalipse são, segundo testemunho dos padres da Igreja -- "o Verbo, Lúcifer seu usurpador (ver editorial) e o grande Arcanjo que o conquistou", cujos "palácios" (as "casas" como as denominam a astrologia) são o Sol, Vênus-Lúcifer e Mercúrio. Isso é bastante evidente, uma vez que a posição destas orbes no sistema Solar corresponde em sua ordem hierárquica a dos "heróis" no Capítulo xii de Apocalipse "seus nomes e destinos(?) sendo intimamente relacionados no sistema teológico (exotérico) com estes três grandes nomes metafísicos". (Memoir, Mirville, para a Academia da França, sobre golpes de Espíritos e Demônios).

O resultado disso foi que a lenda teológica tornou Vênus-Lúcifer a esfera e o domínio do caído Arcanjo ou Satã diante de sua apostasia. Convocados a reconciliar esta afirmação com outro fato, o de que a metáfora da "estrela da manhã" é aplicada a Jesus e sua Virgem mãe e que o planeta Vênus-Lúcifer é incluído, além disso, entre as "estrelas" dos sete espíritos planetários reverenciados pelos Católicos Romanos⁵ sob novos nomes, os defensores dos dogmas e crenças latinas respondem da seguinte maneira:

"Lúcifer, o ciumento vizinho do Sol (Cristo) disse a si mesmo com grande orgulho: 'Eu subirei tão alto quanto ele!' Ele foi frustrado em seu plano por Mercúrio, embora o brilho deste [que é São Miguel] também tenha se perdido no fogo fulgurante da grande orbe Solar como o seu próprio e embora, como Lúcifer, Mercúrio seja apenas assessor e guarda de honra do Sol." (Ibid.)

Guardas de "desonra" agora, caso os ensinamentos teológicos cristãos forem verdadeiros. Mas aqui entra o casco fendido dos Jesuítas. O ardente defensor da Demonolatria Católica Romana, ao mesmo tempo adorador dos sete espíritos planetários, finge grande espanto diante das coincidências entre as antigas lendas pagãs e cristãs, entre a fábula sobre Mercúrio e Vênus e as verdades históricas contadas sobre São Miguel -- o "anjo da face" --, a cópia terrestre ou ferouer de Cristo. Ele os aponta dizendo:

"...como Mercúrio, o arcanjo Miguel, é o amigo do Sol, seu ferouer, seu Mitra, talvez, pois Miguel é um gênio psicopompo, que leva as almas separadas até suas designadas moradas e, como Mitra, é o conhecido adversário dos demônios."

Isto é demonstrado pelo livro dos nabateus recentemente descoberto (por Chwolson), no qual o Mitra zoroastriano é chamado o "grande inimigo do planeta Vênus"⁶. (Ibid p. 160.)

Há algo nisso. Uma cândida confissão, desta vez, da perfeita identidade das personagens celestiais e do empréstimo de todas fontes pagãs. É curioso, senão descarado. Enquanto nas mais antigas alegorias mazdeístas Mitra conquista o planeta Vênus, na tradição cristã Miguel derrota Lúcifer, e ambos recebem, como espólio de guerra, o planeta da deidade subjugada.

Mitra [diz Dollinger], possuía, nos dias de antanho, a estrela de

Mercúrio, situada ente o sol e a lua, mas recebeu o planeta do conquistado, e desde sua vitória ele é identificado com Vênus". ("Judaisme and Paganisme," Vol. II., p. 109. trad. franc.)

"Na tradição cristã", acrescenta o erudito marquês, "a St. Miguel é conferido, no Ceú, o trono e o palácio do inimigo que subjogou. Além disso, como Mercúrio, durante os prósperos dias do paganismo, que transformaram em sagrado para este deus [demônio] todos os promontórios da terra, o Arcanjo é o patrono do mesmo em nossa religião".

Isto significa, se é que significa algo, que agora pelo menos Lúcifer-Vênus é um planeta sagrado e não sinônimo de Satã, já que São Miguel tornou-se seu herdeiro legal.

As considerações anteriores são concluídas com a seguinte fria reflexão:

"É evidente que o paganismo utilizou antes, e de forma maravilhosa, todos os recursos e características do príncipe da face do Senhor (Miguel) ao aplicá-los a este Mercúrio, ao Hermes-Anubis egípcio e a Hermes-Christos dos Gnósticos. Cada um destes foi representado como o primeiro dentre os conselheiros divinos e o deus mais próximo do sol, quis ut Deus".

Estes títulos, com todos seus atributos, tornaram-se os de Miguel. Os bons Padres, os Mestres Maçons do templo da Igreja do Cristianismo, realmente sabiam como utilizar material pagão em seus novos dogmas.

O fato é que basta examinar certos cartuchos egípcios, mencionados por Rossellini (Egypte, Vol. I., p. 289), para descobrir que Mercúrio (a réplica de Sírio em nosso sistema solar) é Sothis, precedido pelas palavras "sole" e "solis custode, sostegnon dei dominanti, il forte grande dei vigilantanti", "vigia do sol, sustentáculo dos domínios e o mais forte de todos os vigilantes". Todos estes títulos e atributos são agora do Arcanjo Miguel, que os herdou dos demônios do paganismo.

Além disso, viajantes em Roma podem testemunhar a maravilhosa presença na estátua de Mitra, no Vaticano, dos símbolos cristãos mais conhecidos. Os místicos vangloriam-se disso. Eles identificam "na cabeça do leão e nas asas da águia, o símbolo do corajoso Serafim, o mestre do espaço (Miguel); em seu caduceu, a lança; nas duas serpentes enroladas em torno do corpo, a luta entre os princípios do bem e do mal e, sobretudo, nas duas chaves que Mitra segura, como São Pedro, as chaves com que este patrono-Serafim do último abre e fecha os portões do Céu, astra cludit et recludit". (Mem. p. 162.)

Resumindo, o que foi dito acima mostra que o romance teológico de Lúcifer foi construído com base nos vários mitos e alegorias do mundo pagão, não se tratando de dogma revelado, mas simplesmente de um dogma inventado para sustentar a superstição. Mercúrio sendo um dos assessores do Sol ou o cinocéfalo dos egípcios e o cão-guia do Sol, literalmente, o outro era Eósfero, o mais brilhante dos planetas, "qui mane oriebaris", que se levanta cedo, ou o grego. Foi identificado com Amon-ra, o portador da luz do Egito, chamado por todas as nações de "o segundo nascimento da luz" (o primeiro sendo Mercúrio), o início de suas (do Sol) formas de sabedoria, o Arcanjo Miguel sendo também referido como principium viarum Domini.

Assim, uma personificação puramente astronômica, construída a partir de um significado oculto que ninguém até aqui parece ter resolvido fora da sabedoria oriental, tornou-se agora um dogma, parte integral da revelação cristã. Uma canhestra transferência de personagens não é adequada à tarefa de fazer pessoas que raciocinam aceitarem em um e mesmo grupo trinitário o "Verbo" ou Jesus, Deus e Miguel (com a Virgem ocasionalmente o completando) por um lado, e Mitra, Satã e Apolo-Abaddon por outro: tudo ao capricho e sabor dos Escoliastas Católicos Romanos. Se Mercúrio e Vênus (Lúcifer) são (astronomicamente em sua revolução em torno do Sol) os símbolos de Deus Pai, Filho e de seu Vigário, Miguel, o "Dragão-Conquistador", na lenda cristã, por que deveriam ao serem chamados de Apolo-Abaddon, o "Rei do Abismo", Lúcifer, Satã ou Vênus -- tornar-se imediatamente diabos e demônios? Se nos é dito que ao "conquistador" ou "Mercúrio-Sol" ou novamente a São Miguel do Apocalipse, foram dados os espólios do anjo conquistado, a saber, seu planeta, por que deveria o opróbrio continuar a ser associado a uma constelação tão pura? Lúcifer é agora o "Anjo da Face do Senhor"⁷ porque "esta face está espelhada nele". Pensamos, ao contrário, que é porque o Sol reflete seus raios em Mercúrio com intensidade sete vezes maior do que o faz sobre a Terra e duas vezes em Lúcifer-Vênus: o símbolo cristão prova novamente sua origem astronômica. Mas seja pelo aspecto astronômico, místico ou simbólico, Lúcifer é tão bom quanto qualquer outro planeta. Apresentar como prova de seu caráter demoníaco e identidade com Satã a configuração de Vênus que, em sua fase crescente, tem a aparência de um corno cortado não faz o menor sentido. Mas relacionar isto com os cornos do "Dragão Místico" do Apocalipse -- "um dos quais foi quebrado"⁸ -- como os dois demonólogos franceses, o Marquês Mirville e o Cavalheiro Mousseaux, defensores da Igreja militante, querem que seus leitores acreditem na segunda metade de nosso presente século -- é simplesmente um insulto ao público.

Além disso, o Diabo não foi dotado de cornos senão no quarto século da era crsitã. É uma invenção puramente patrística que surgiu de seu desejo de relacionar o deus Pã e os pagãos Fauno e Sátiro à sua lenda satânica. Os demônios do Paganismo não tinham cornos e eram tão destituídos de cauda quanto o Arcanjo Miguel na imaginação de seus adoradores. Os "cornos" eram no simbolismo pagão um emblema do poder divino, da criação e da fertilidade na natureza. Daí os cornos da cabra de Amon, de Baco e de Moisés nas medalhas antigas, e os cornos da vaca de Ísis e Diana etc., etc., e do Senhor Deus dos Profetas de Israel. Pois Habacuque fornece provas de que este simbolismo era aceito pelo "povo escolhido" e pelos gentios. No capítulo III este profeta fala do "Santo do monte Parã, do Senhor Deus que "vem de Temã e cujo resplendor é como a luz", e que tinha "cornos saindo de suas mãos".

Quando lê-se, além disso, o texto hebreu de Isaías e descobre-se que Lúcifer não é mencionado em todo o Capítulo XIV., v. 12, mas simplesmente Hilel, "uma estrela brilhante", dificilmente podemos deixar de nos perguntar por que pessoas educadas ainda são ignorante o bastante no final de nosso século para associar um radiante planeta -- ou qualquer outra coisa na natureza -- ao DIABO!⁹

1 Vênus é uma segunda Terra", afirma Reynaud em *Terre et Ciel* (p. 74), "tanto assim que há ali todas as comunicações possíveis entre os dois planetas, seus habitantes podem tomar suas respectivas terras pelos

dois hemisférios do mesmo mundo, ... Eles parecem no céu duas irmãs. Semelhantes em conformação, estes dois mundos são também semelhantes no caráter atribuído a eles no Universo".

2 Assim falou Mousseaux. "Mœurs et Pratiques des Demons." p. X -- corroborado pelo Cardeal Ventura. O Diabo, diz ele, "é um dos grandes personagens cuja vida está intimamente ligada à Igreja; e sem ele. . . a queda do homem não poderia ter ocorrido. Não fora por ele (o Diabo), o Salvador, o Redentor, o Crucificado seria nada mais que um ridículo supernumerário e a Cruz um insulto ao bom senso". E se assim for, teremos que agradecer ao pobre Diabo.

3 Mirville. "Nem Diabo nem Cristo", ele exclama.

4 Esta é apenas outra versão de Narciso, a vítima grega de sua própria bela aparência.

5 O famoso templo dedicado aos Sete Anjos em Roma e construído por Michelangelo em 1561, ainda se encontra lá, e é chamado agora de "Igreja de Santa Maria dos Anjos". Nos missais antigos romanos impressos em 1563 -- um ou dois dos quais pode ser visto no Palazzo Barberini -- pode-se encontrar o serviço religioso (ofício) dos sete anjos e seus antigos e ocultos nomes. Que os "anjos" são os Reitores pagãos sob diferentes nomes -- tendo os judeus substituído os nomes gregos e latinos -- dos sete planetas está provado pelo que o Papa Pio V afirmou em sua Bula ao Clero Espanhol, permitindo e incentivando a adoração dos sete espíritos das estrelas. "Não se pode exaltar suficientemente estes sete reitores do mundo, representados pelos sete planetas, uma vez que é confortante para nosso século testemunhar pela graça de Deus o culto destas sete luzes ardentes e destas sete estrelas reassumindo todo o seu lustro na república cristã". (Les Sept Esprits et l'Histoire de leur Culte; Mirville, 2a dissertação à academia. Vol. II. p. 358.)

6 Heródoto mostrando a identidade de Mitra e Vênus, a frase em Nabathean Agriculture foi evidentemente mal interpretada.

7 "Tanto na teologia bíblica quanto na pagã", afirma Mirville, "o Sol tem seu deus, seu defensor, e seu usurpador sacrílego, em outras palavras, seu Ormuzd, seu planeta Mercúrio (Mitra) e seu Lúcifer, Vênus (ou Ahriman), tomados de seu antigo mestre e agora dado a seu conquistador". (P. 164.) Portanto, Lúcifer-Vênus é agora santo.

8 No Apocalipse não há "corno quebrado", mas é dito simplesmente no Capítulo XIII, 3, que João viu "uma de suas cabeças como golpeada de morte". João nada sabia em sua geração de um diabo "sem cornos".

9 As palavras literais usadas e sua tradução são: "Aik Naphelta Mi-Shamayim Hillel Ben-Shachar Negdangta La-Aretz Cholesch El-Goüm" ou "Como pode cair dos céus, Hilel, Filho da Manhã, como pode ser lançado à terra, tu que abates as nações". Aqui a palavra, traduzida Lúcifer", é, Hilel, e seu significado é "brilho resplandesciente ou glorioso". Também é verdade que devido a um trocadilho, a que se prestam facilmente as palavras hebraicas, o verbo hillel pode ter assumido o significado de "howl" (uivar), daí, por uma fácil derivação, hillel pode ser transformado em "howler" (uivador) ou diabo, uma criatura que, entretanto, raramente ouve-se, se é que alguma vez, "uivar". Em seu

Léxico Hebraico e Inglês, Art. John Parkhurst afirma: "A tradução siríaca desta passagem a interpreta como , 'howl'; e até Jerônimo observa que ela literalmente significa 'to howl' (uivar). 'Portanto', diz Michaelis, 'eu traduzo, 'Howl, Filho da Manhã, isto é, tu estrela de primeira magnitude'.". Mas, de qualquer maneira, Hilel, o grande sábio e reformador judeu, também pode ser chamado de "howler" (uivador) e ligado ao diabo!